



DR. MANUEL FRAZÃO

O DR. MANUEL FRAZÃO

Com o inesperado falecimento do DR. MANUEL FRAZÃO em Novembro último, perderam os Hospitais Cíveis de Lisboa um dos seus mais prestimosos elementos. A sua falta sente-se e continuará por muito tempo a sentir-se. Farão recordá-lo o entusiasmo, o carinho e a eficiência com que exercia a sua actividade profissional, a dedicação e o amor que sempre votou a esta Instituição.

Foi o DR. MANUEL FRAZÃO cirurgião dos Hospitais mercê do seu porfiado esforço e das suas qualidades de trabalho, de inteligência e de intuição clínica. Todos os que fizeram a carreira hospitalar contando apenas consigo próprios sabem bem o que significa a luta pelo título de que o DR. MANUEL FRAZÃO tanto se orgulhava, os sacrifícios, a tenacidade, o labor e a coragem que essa luta exige.

Através duma carreira brilhante, conquistou um lugar de relevo na cirurgia portuguesa. Licenciado em 1930, Interno do Internato Geral em 1931, Interno do Internato Complementar de Cirurgia em 1933, Cirurgião dos Hospitais em 1941, foi afirmando as qualidades que o impuseram perante os colegas, o pessoal auxiliar e os doentes, na competição extenuante a que obrigam os sucessivos concursos e no trabalho de todos os dias nas enfermarias, nas consultas e no Banco. Entretanto, como a remuneração do trabalho hospitalar não tem, entre nós, senão um valor simbólico, exerce clínica geral, primeiro em Caneças e depois no Barreiro, onde permaneceu durante cerca de 8 anos, até assumir as funções de Cirurgião dos Hospitais. Foi certamente este prolongado contacto com os problemas gerais da medicina que lhe permitiu atingir aquele apurado sentido clínico que tiveram ocasião de apreciar todos os que trabalharam com ele ou junto dele.

Como Cirurgião dos Hospitais e nomeadamente como Cirurgião do Banco, o DR. MANUEL FRAZÃO distinguiu-se não apenas pela sua destreza manual, pelos seus conhecimentos de patologia cirúrgica e de técnica operatória, pelas suas qualidades de organização e direcção,

pelo seu interesse e dedicação pelos doentes, mas também pela larga contribuição que deu para a formação e preparação técnica de muitos médicos e cirurgiões. No curto período em que exerceu as funções de Director do Banco, iniciou uma notável obra de reorganização e modernização deste serviço de urgência, que o seu precoce falecimento não permitiu levar a cabo.

A actividade profissional do DR. MANUEL FRAZÃO, exercida em múltiplos aspectos na clínica particular, no hospital, nos serviços médicos da Cuf, na redacção da Gazeta Médica, na Faculdade de Medicina de Lisboa, onde foi assistente do Prof. Adelino Costa no Serviço de Propedêutica Cirúrgica, no Conselho Regional da Ordem dos Médicos — preencheu grande parte da sua vida movimentada e intensa. Mas o melhor dessa produtiva actividade dedicou-a ele aos Hospitais Cívicos de Lisboa.

Não o interessavam apenas os problemas relativos aos seus próprios doentes e ao seu próprio serviço, mas todos os problemas relacionados com a organização, o aperfeiçoamento e a eficiência prática da Instituição, no seu duplo papel de assistência aos doentes e de formação profissional dos médicos e pessoal de enfermagem.

Cônsco de que o recrutamento por concursos de provas públicas é das mais importantes razões do prestígio e da valorização técnica dos Hospitais Cívicos de Lisboa, esforçou-se por melhorar a regulamentação desses concursos nos Conselhos Técnicos de que fez parte.

Conhecedor por experiência de longos anos em todos os escalões da hierarquia, desde voluntário ainda grande estudante até Director no último ano da sua vida, do papel que o Banco desempenha como serviço de assistência para as situações de urgência e como escola de médicos e cirurgiões, pôs na defesa e no aperfeiçoamento deste Serviço — tão caluniado apesar dos seus relevantíssimos méritos — o vigor e o entusiasmo de que era capaz.

No actual momento em que os Hospitais Cívicos de Lisboa estão a braços com graves dificuldades, que na realidade correspondem a uma crise de crescimento, num ambiente pouco favorável, duma grande instituição cujo papel é, desde há muitos anos, primacial na assistência à população de grande parte do país e na formação técnica da classe médica, recordamos com saudade a figura do DR. MANUEL FRAZÃO, cujo dinamismo, cujo senso, cuja firmeza, cujo conhecimento dos problemas hospitalares muito poderiam contribuir para se encontrar

a solução destas dificuldades que mais convenha aos Hospitais, à Medicina e ao País.

★

O temperamento impulsivo e apaixonado de MANUEL FRAZÃO, o seu carácter franco e por vezes rude, avesso a hipocrisias, maneirismos e pieguices, a habitual e muitas vezes excessiva desenvoltura das suas atitudes e expressões, o seu culto pelo «panache» e a sua personalidade forte e dominadora ocultavam uma grande parte do seu sólido bom-senso, da sua generosidade, da sua sensibilidade afectiva, da sua profunda compreensão, humana. Isso não impedia, contudo, que, no convívio prolongado fosse fácil reconhecer que as suas qualidades positivas sobrelevavam largamente os seus defeitos. Por isso deixou inúmeros amigos entre os colegas, entre os subordinados e sobretudo entre os doentes, que tratou sempre com invulgar dedicação e carinho, quer no hospital quer na clínica privada.

Ao recordar o Amigo dedicado e pronto, a quem sempre se podia recorrer, o chefe da equipa em que trabalhei no Banco durante cerca de dez anos, a quem fiquei devendo muitos ensinamentos, o Director do Banco, cheio de entusiasmo e fé, com quem colaborei nos últimos planos de renovação que a morte não deixou realizar — a par do pungente desgosto da sua perda, é consoladora a certeza de que, não reivindicando para si a auréola de santo nem as pompas de sábio consagrado, MANUEL FRAZÃO foi na vida o que realmente queria ser: um Homem e um Cirurgião.

LUDGERO PINTO BASTO